

## CRÔNICAS DO CÁUCASO: AS GUERRAS DA CHECHÊNIA<sup>1</sup>

Vidal Dias da Mota Junior\*

\* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas - Unicamp. Prof. da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: vidal.mota@prof.uniso.br

A Guerra da Chechênia representou umas das mais tenebrosas faces do desmoronamento da União Soviética, da consolidação do atual Federação Russa e da instauração da “nova ordem mundial”. O processo de “balcanização”, isto é, do processo de lutas por independências das antigas repúblicas socialistas soviéticas e seus aliados, trouxe terríveis cenas de barbárie para o mundo contemporâneo, como, por exemplo, a guerra da Iugoslávia.

Mas, nesse caso, a obra de Paulo Edson nos apresenta uma pesquisa original muito detalhada, a partir da perspectiva de pessoas que lá viveram e relataram suas dolorosas experiências sobre o que foram os anos terríveis de guerra civil enfrentada pela população dessa pequena região com história e identidade étnica muito peculiares no cenário social e cultural da Rússia. O autor, por meio de profunda investigação de fontes (199 para ser mais preciso), nos trás um retrato daquilo que Touraine chama de processo de desmodernização, conceito que classifica as crises sociais contemporâneas e até os conflitos bélicos e fratricidas que passaram a ocorrer pós-queda do muro de Berlim. O livro nos faz refletir sobre as linhas tênues já tanto discutidas entre civilização e barbárie.

Mas o que assusta nos relatos de Paulo Edson é aquilo que ele chama de “nação oca”, na página 170, por exemplo, ele relata o fato de uma noite gelada de 1996, em que um determinado presidente interino havia colocado uma árvore de Ano Novo, idêntica às do Natal cristão, que seria iluminada como celebração do primeiro Ano Novo em tempos de paz pós-guerra. E nesse cenário, Adam e Abdul, dois garotos órfãos de guerra, subiram por entre os galhos estreitos e serraram o último metro e meio do abeto. Na manhã seguinte, os responsáveis pelo orfanato em que viviam acordaram e depararam com o presente decorado com uma ossada no topo da singela árvore. Conforme o autor, após terem convivido intimamente com a morte e a violência, em meio

---

<sup>1</sup> ALVES FILHO, Paulo Edson. Sorocaba: Create/Eduniso, 2012. 384 p.

a explosões e investidas de helicópteros e tanques, o pouco que Adam e Abdul haviam experimentado de civilidade durante suas curtas existências havia evaporado. Não viam problema algum em ter ossos humanos no lugar de estrelas e bolas coloridas, como decoração da árvore de Ano Novo roubada.

O livro retrata diversas circunstâncias em que um médico, um soldado e uma jornalista, conforme o ponto de vista e vivências durante a guerra, puderam trazer a tona experiências de sobrevivência, resistência e muita dor. E, como o autor aponta na sua contra capa, a primeira vítima de todo o derramamento de sangue entre o exército russo, a resistência Chechena, terroristas, mercenários e a população, foi a verdade sobre o desdobramento do conflito. Os interesses políticos (eleitorais) e econômicos mais mesquinhos sempre foram determinantes. Portanto, a obra mostra com muito detalhe o como uma guerra em nosso tempo pode ser cada vez mais truculenta e, fundamentalmente, uma forma de se fazer a má política de cultivar o medo, a intolerância e a fragilização das possibilidades de condução dos conflitos por meio de instâncias democráticas, pactuadas e focadas na proteção da vida da maioria das pessoas. Todavia, o que se pode verificar na Chechênia, por meio dessa obra, que é uma das poucas em português sobre o tema, que tudo aquilo que se refere a pensar no bem estar da população civil foi negligenciado e os interesses mais mesquinhos da política foram efetivados, destruindo uma nação, por meio da brutalidade e do ódio.